

UM MUNDO CADA VEZ MAIS INSTÁVEL

Por Gabriel Camilli*



Um F/A-18F decolando de um porta-aviões (Marinha dos Estados Unidos).

Um breve “tour” pelos conflitos em curso ao redor do planeta nos mostra que talvez a Terceira Guerra Mundial não esteja tão distante.

A transição do mundo para uma estrutura multipolar, em processo de consolidação, trouxe consigo uma instabilidade generalizada e crescente. A globalização criou centros de poder econômico diferentes dos classicamente conhecidos e trouxe problemas relacionados com a exploração de novos recursos (por exemplo, minerais para a economia verde) e com a segurança da cadeia de abastecimento de bens e matérias-primas.

Konstantin Sivkov – doutor em ciências militares e presidente da Academia Russa de Assuntos Geopolíticos –, apresentou há alguns anos a viabilidade de uma terceira guerra mundial termonuclear.

Existe uma realidade que é impossível evitar: o “potencial nuclear russo” é um **“obstáculo ao domínio global dos Estados Unidos”**.

FRATURA GLOBAL

Hoje há um choque entre a unipolaridade anglo-saxônica, que exclui o restante mundo multipolar, enquanto o eixo Estados Unidos/Grã-Bretanha, que comanda a OTAN, arrasta a União Europeia (UE), que aos poucos e apesar de seus líderes políticos, vai se apercebendo da armadilha em que se encontra.

Desta fratura global nascem todos os conflitos militares, sob coberturas religiosa, política e econômica.

Hoje existem pelo menos três “**civilizações não ocidentais**” que se opõem à unipolaridade anglo-saxônica: o Grupo de Xangai, os BRICS e a União Eurasiática da tríade Rússia-Bielorrússia-Cazaquistão.

Segundo o autor, “O objetivo anglo-saxão é aniquilar a Rússia, uma superpotência nuclear que abastece militarmente os BRICS. Sem mencionar as armas convencionais (não nucleares) que são em si mesmas ameaçadoras, os Estados Unidos e a Rússia possuem mais de 2.000 ogivas nucleares, o suficiente para transformar o planeta em um deserto.”

Uma coisa é o “**equilíbrio militar global**” e outra é o “**equilíbrio regional**”, quando o eixo anglo-saxão executa os axiomas do cientista geopolítico britânico Sir Halford McKinder contra a Rússia através da “**estratégia Anaconda**”¹.

Konstantin Sivkov afirma também que por trás do jihadismo e da Al Qaeda estão os serviços de espionagem dos Estados Unidos e da UE, mas esclarece que a Arábia Saudita e o Qatar colidem pela hegemonia do fundamentalismo islâmico.

Define áreas vulneráveis na Rússia, no Ártico, na Ucrânia, na China, na Ásia Central, na Bielorrússia, nos estados europeus neutros (*sic*) e no Oceano Pacífico.

Podemos acrescentar que os recentes avanços tecnológicos, que se tornaram mais acessíveis em virtude da expansão de novos centros econômicos e pela própria natureza de algumas novas tecnologias, permitiram que alguns países alterassem sua postura política internacional tornando-se mais assertivos, justamente para garantir maior bem-estar e segurança.

Este quadro se completa com a proliferação de **atores violentos não-estatais** (VNSA, sigla do inglês *Violent Non State Actors*) de origem não apenas religiosa, que perseguem e são, por vezes, funcionais à agenda política de países emergentes com ambições expansionistas a nível regional.

MUNDO CONFLITUOSO

O mundo atual, ao contrário do que alguns preveem, revela-se cada vez mais conflituoso, em uma espécie de reedição da história do século XIX que culminou diretamente na Primeira Guerra Mundial. **Será isso que o Papa Francisco chama de “A guerra mundial por partes”?**

O sistema de direito internacional, tal como nasceu após a tragédia da Segunda Guerra Mundial, além de se tornar cada vez menos eficaz, está ruindo sob os golpes das potências globais e regionais que perseguem seus objetivos expansionistas utilizando todos os instrumentos ao seu alcance: dos métodos coercitivos aos

¹ A “Estratégia Anaconda” refere-se ao movimento que a cobra faz para esmagar sua presa. Seria no sentido de contenção. O termo foi utilizado pela primeira vez na Guerra Civil Americana, com o bloqueio continental imposto pelo norte. Depois se tornou sinônimo de contenção na Guerra Fria, fruto da doutrina Kennan.

conflitos abertos, passando por aquela enorme área cinzenta da Guerra Híbrida ou Guerra Irrestrita na versão chinesa.

Hoje, no início de 2024, temos diante de nossos olhos as imagens da guerra na Ucrânia e do conflito no Oriente Médio, que se espalham quase que imediatamente a outros atores.

Ucrânia e Israel: A Ucrânia está entrando em seu segundo inverno de guerra, duramente atingida em suas infraestruturas (energia e portos) por mísseis russos, que mais uma vez foram utilizados maciçamente após meses de uso ocasional e limitado, indicando que a Federação manteve o seu potencial.

Para isso teve que pagar um preço: sacrificar a alta tecnologia e, portanto, a precisão dos vetores, devido à dificuldade de encontrar microprocessadores de alto desempenho (todos fabricados no Ocidente ou em Taiwan e na Coreia do Sul), que estão sob embargo. Moscou, como sabemos, também tem dependido dos seus aliados e parceiros para apoiar o esforço de guerra. Por isso, se por um lado os projéteis de artilharia agora vêm da Coreia do Norte, por outro já há algum tempo tem utilizado drones kamikaze de longo alcance de produção iraniana, construídos a um ritmo cada vez maior, justamente para não esgotar os mais preciosos mísseis de cruzeiro e balísticos.

Também neste caso Moscou teve que fazer concessões: sacrificar a carga de guerra (os Shahaed-136/Geran-2 têm uma ogiva de 40 kg em comparação com os 450 kg de um míssil Kh-101) e a resistência às contramedidas eletrônicas, para ter uma ferramenta que pode ser usada em grandes quantidades. O ataque à Ucrânia na noite de 28 para 29 de dezembro, realizado com grande número de drones e mísseis, mostra que a Rússia não é de forma alguma um país à beira do colapso, mas, precisamente graças à sua capacidade de se adaptar às sanções, conseguirá sustentar a guerra durante muito tempo, e o tempo está do lado de Moscou.

Além disso, as sanções internacionais, se mantidas por um longo período como no caso russo, dão ao país sancionado a oportunidade de se adaptar e ser capaz de substituir as substituíveis, reformulando a sua própria indústria, ou abastecendo-se de outra forma (intermediação de países terceiros) dos bens que não pode produzir. Mas os conflitos palestino-israelense e o da Ucrânia não são os únicos que pipocam neste mundo instável.

Do Cáucaso à Líbia, passando pelo Oriente Médio: Permanecendo na Europa, Nagorno-Karabakh, apesar da derrota armênia, continua sendo uma zona de crise que poderá facilmente se agravar se o Azerbaijão decidir continuar a invasão da Armênia, cujos territórios ocupou em setembro de 2023 em uma grande operação militar que levou à conquista de Artsakh. Podemos observar com grande preocupação que existe um perigo crescente de tomada de Ceuta e Melilla por Marrocos frente a uma Espanha com divisões internas e falta de armas.

Os confrontos entre os curdos e a Turquia continuaram depois que o PKK encerrou o cessar-fogo em junho. As forças turcas retomaram, portanto, uma série de operações no norte do Iraque, atacando principalmente ao longo da fronteira, mas também nas profundezas do Curdistão iraquiano.

INSTABILIDADE NO ORIENTE MÉDIO

A instabilidade no Oriente Médio é bem conhecida: o conflito na Síria continua, exacerbado pelos recentes acontecimentos em Gaza, e milícias pró-xiitas estão ativas no Iraque atacando alvos dos EUA e da coalizão.

A Líbia continua atormentada por conflitos internos que opõem não só Trípoli a Tobruk, mas também as milícias que fazem parte do Governo de Unidade Nacional: os tiroteios do verão passado voltaram a chamar a atenção para Trípoli, num refrão já visto em qualquer perspectiva de eleições.

África sem paz: O Sahel, como sabemos, é abalado por golpes de Estado e pela violência islâmica, com transferências perigosas para países vizinhos e repercussões diretas na segurança europeia, não apenas em termos de migração. Seguindo em direção ao Chifre da África, também ali a luta contra as milícias do radicalismo islâmico (Somália) e as forças da independência étnica (Etiópia) são fatores de instabilidade generalizada.

Atravessando aquele braço de mar encerrado no Estreito de Bab el-Mandeb, chegamos ao Iêmen, atolado em um conflito interno que persiste há anos e com os rebeldes Houthi, que decidiram participar ativamente no conflito em curso no Oriente Médio, tentando primeiro atacar Israel com drones e mísseis de longo alcance e depois visando o tráfego naval no Mar Vermelho tentando pressionar os EUA e o Ocidente, em um jogo muito perigoso que pode se virar contra eles.

FERVURA NA ÁSIA CENTRAL

A Ásia Central também está em ebulição: isto nos leva diretamente ao confronto entre o Irã e os Estados Unidos que está sendo travado não só no Levante, mas também em outro ponto de estrangulamento fundamental: o Estreito de Ormuz, que testemunhou vários ataques e apreensões de navios comerciais.

Não podemos e não devemos esquecer o Afeganistão, onde o regresso dos Talibã ao poder não reduziu a violência devido à rivalidade entre grupos extremistas islâmicos ativos no país, e isto nos leva diretamente ao seu vizinho, o Paquistão, que continua tendo uma disputa territorial em curso com a Índia sobre a Caxemira que poderia facilmente degenerar rapidamente em um conflito aberto.

A Índia e a China mantêm disputas fronteiriças que afetam sempre a Caxemira, mas também uma região mais oriental, Arunachal Pradesh. Os dois gigantes asiáticos estiveram “em desacordo” em 2020 e, desde então, a tensão nunca diminuiu. O *status quo* foi congelado. No entanto, Pequim está armando a sua fronteira sul, construindo bases e infraestruturas de dupla utilização, o que alarma Nova Délhi, que respondeu deslocando algumas unidades do seu exército para o norte do país.

O Círculo de Fogo do Extremo Oriente: Continuando com nosso *tour* de instabilidade, não podemos esquecer a dinâmica do Mar da China Meridional, teatro de conflitos entre a China, que reivindica soberania em seu próprio

interesse, os restantes Estados costeiros e os Estados Unidos, portadores da bandeira da liberdade de navegação.

Taiwan sente-se cada vez mais cercada pelas espirais do dragão chinês, em uma tentativa de intimidar a população à medida que as eleições se aproximam, mas não tem levado em conta uma nova geração de taiwaneses que já não se sentem chineses – precisamente devido à maior agressividade de Pequim – e que ainda têm na memória o que aconteceu em Hong Kong, onde a política de “um país, dois sistemas” é difícil de aplicar.

Permanecendo no Pacífico Oriental, a **Coreia do Norte** quebrou definitivamente sua moratória autoinduzida sobre lançamentos de testes de mísseis balísticos e recentemente endureceu o tom em sua retórica quando o líder Kim Jong-un ordenou que suas Forças Armadas estivessem prontas para a guerra. Este jogo já é conhecido: Pyongyang eleva o tom do conflito diplomático para tentar obter concessões relativamente às sanções internacionais que a estrangulam.

Instabilidade nos solos e mares da América do Sul: Terminamos nossa viagem pelo mundo instável com a Venezuela: uma nova frente de crise aberta pela reivindicação de soberania sobre uma região da Guiana, o Essequibo. O Brasil ficou em alerta e deslocou algumas tropas – poucas, aliás – até a fronteira, para dar um sinal forte a Caracas.

Não devemos perder de vista a Usurpação Colonial da Grã-Bretanha das Ilhas Malvinas e do Atlântico Sul, sendo esta potência estrangeira o motivador de violações permanentes da soberania da Argentina.

Neste artigo, fizemos uma revisão das áreas de crise global, que dificilmente encontrarão paz em 2024. Na ELEVAN, oferecemos a Diplomacia em Análise Estratégica de Conflitos Atuais, oferecendo uma visão latino-americana desses conflitos e como podem impactar a Iberosfera Geopolítica, e que, portanto, devem ser mantidos sob observação pelas razões expostas. Convidamos você a visitar nosso site em www.elevanargentina.com.ar.

Publicado em [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel-major da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
